

---

## Além das florestas: ONGs conservacionistas se transformam em “empresas”

*Se antes as organizações conservacionistas se dedicavam a coletar dinheiro para criar áreas protegidas em florestas supostamente ameaçadas de destruição, hoje elas formam uma verdadeira “indústria” transnacional que administra e controla áreas que vão muito além de florestas.*

Se antes as organizações conservacionistas se dedicavam a coletar dinheiro para criar áreas protegidas em florestas supostamente ameaçadas de destruição, hoje elas formam **uma verdadeira “indústria” transnacional que administra e controla áreas que vão muito além de florestas.**

O Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais acredita firmemente que **não é possível separar a floresta das comunidades que dela dependem.** Essa visão se opõe à de ONGs conservacionistas, que defendem uma natureza sem gente inspiradas pelo modelo dos parques nacionais criado nos Estados Unidos. (1) Por isso, a criação e a expansão de áreas protegidas sem comunidades têm sido uma preocupação constante para o WRM.

É verdade que projetos destrutivos – como os madeireiros, de mineração e do agronegócio – causam impactos terríveis nas florestas e para as comunidades. No entanto, **os parques de conservação, quando impõem restrições à ocupação humana, igualmente expulsam comunidades e/ou proíbem que façam uso daquilo que consideram sua casa**, de onde obtêm quase tudo de que necessitam, com o argumento perverso de que são elas as causadoras da destruição florestal.

As reais forças destrutivas avançaram sobre as florestas ao mesmo tempo em que as ONGs conservacionistas também avançaram. **Essas organizações foram fundamentais na construção da ideia neoliberal de que a natureza só será salva se ela tiver um preço**, ao fornecer “serviços” pelos quais é preciso pagar a alguém. Criou-se o chamado “ambientalismo do mercado”.

Indústrias poluidoras gostaram: agora, têm permissão para continuar poluindo ao passo em que mantêm a cara limpa. Elas podem “compensar” parte de suas emissões de carbono da queima de petróleo, gás e carvão mineral pagando para “proteger” uma floresta ou para estabelecer uma plantação de árvores. E fazem propaganda de sua “boa ação”, em vez de reduzirem suas emissões, responsáveis pelas mudanças do clima.

Ao contrário do que o senso comum poderia apontar, **as ONGs conservacionistas estão entre os maiores beneficiados da destruição florestal**: passaram a acessar com força essa nova fonte de recursos das indústrias e de governos dos países mais poluidores, protagonizando projetos que prejudicam as comunidades que usam e protegem as florestas.

Uma clara demonstração disso é **o papel dessas ONGs nos projetos de REDD+** (Redução de Emissões de Desmatamento e Degradação Florestal) ao redor do mundo, entre elas The Nature Conservancy (TNC), Conservation International (CI), World Wildlife Fund (WWF), Wildlife Conservation Society (WCS) e Wildlife Works Carbon (WWC). Segundo elas, o mecanismo REDD+

---

não só responderia à crise climática, mas também levaria benefícios às comunidades nas áreas dos projetos. No entanto, a visão dominante dos programas e projetos REDD+ promovidos por essas organizações é a de que as comunidades locais são obstáculos e representam ameaças para as florestas, cujo uso acaba proibido ou restrito. (2)

Mesmo com o fracasso dos 10 anos de experiências com o REDD+ em conseguir reduzir o desmatamento, a ideia não morreu. O mecanismo não está apenas vivo: hoje ele orienta programas em áreas bem maiores, muito além das florestas. **Os chamados programas REDD+ em escala de paisagem cobrem jurisdições inteiras, como uma província ou estado dentro de um país.** A WWF, por exemplo, administra o principal programa REDD+ jurisdicional na África, na província de Mai N'dombe na República Democrática do Congo, com financiamento do Banco Mundial. (3)

**Acordos e mecanismos internacionais recentes para incidir sobre as mudanças climáticas acabam perpetuando essa lógica. A chamada “abordagem de restauração da paisagem florestal”** orienta as ações do Desafio de Bonn (4), hoje a maior iniciativa internacional que objetiva “restaurar” florestas e paisagens em 350 milhões de hectares em prol do clima. (5) No entanto, para “restaurar” florestas em uma área tão grande, só é possível pensar em plantações de monocultura de árvores em larga escala, das quais já existem dezenas de milhões de hectares no mundo.

**Na rebarba disso, as formas de apropriação dos territórios por essas organizações para expandir sua influência se multiplicam.** Na Indonésia, elas avançam sobre áreas que já foram concedidas no passado para empresas desmatadoras, como as de plantações de monocultivo de dendezeiros. Lá, na ilha de Sumatra, as ONGs conservacionistas WWF e Frankfurt Zoological Society da Alemanha, com financiamento do banco alemão de desenvolvimento KfW, criaram a empresa ABT para desenvolver um projeto de “restauração”, localizado próximo ao Parque Nacional Bukit Tigapuluh. Sem acesso ao que pretende de fato essa empresa, a comunidade de Kubu resiste. Com uma relação forte com a floresta onde vive e que ela firmemente protege, **os moradores de Kubu travam uma luta pelo controle do território. Na Indonésia já foram dadas em concessão quase 600 mil hectares para a “restauração de paisagem florestal.”** (6)

Outro mecanismo tem sido a criação de **projetos para “compensar” a destruição da biodiversidade.** O argumento é de que a perda de uma floresta destruída pode ser compensada pela conservação de outra supostamente ameaçada, com “características semelhantes”. A empresa mineradora Rio Tinto, por exemplo, causadora da destruição de uma floresta em Madagascar pela extração de ilmenita (7), resolveu pagar a uma ‘filial’ local da ONG Birdlife International para proteger outra floresta “parecida”. A ONG restringiu o uso da floresta pela comunidade local, obrigada a fazer sua agricultura em outra área, mais distante e menos fértil.

**O fortalecimento de fundos nacionais para a conservação da biodiversidade, os chamados “conservation trust funds” em inglês, uma parceria público-privada, vai na mesma direção.** Em Moçambique, por exemplo, foi criado o *Biofund*, que conta com WWF, WCS e União Internacional da Conservação da Natureza (IUCN) entre seus membros. (8) Um de seus papéis é validar projetos destrutivos: empresas podem “compensar” a destruição que causam, destinando recursos para investir na manutenção de áreas de proteção ou criação de novas áreas protegidas no mesmo país. Foi isso que o Banco Mundial sugeriu fazer na Libéria, também na África, em função das grandes reservas minerais desse país, extremamente atrativas para as grandes empresas de mineração do mundo. (9)

**Criando uma “indústria” conservacionista**

---

Recentemente, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) aceitou uma queixa ingressada pela ONG *Survival Internacional* para investigar a suposta violação de direitos humanos contra o povo indígena Baka por chamados “eco-guardas”, financiados pela WWF, numa área protegida em Camarões. (10) Detalhe: a decisão da OECD foi inédita porque ela costuma aceitar apenas queixas contra empresas, muitas vezes multinacionais. Neste caso, a WWF foi a denunciada.

**O que é muito preocupante é que a lógica mercantil de ganha-ganha do “ambientalismo do mercado” se alastrou, e com ela a aliança entre forças destrutivas e ONGs conservacionistas.** Ela baseia-se no princípio de que **só haverá mais proteção se houver mais destruição.** Além disso, essas organizações prestam outros serviços para empresas destruidoras: legitimam e declaram como sustentáveis atividades que são, sem sombra de dúvida, destrutivas, por meio de certificação e “selos verdes”.

Nessa lógica perversa que gradativamente destrói as florestas, algo afinal será conservado: os interesses e volume de recursos dos quais dispõem hoje as empresas “conservacionistas”. Continuaremos chamando essas organizações de “sem fins lucrativos”? Quem perde com esta aliança entre a indústria de conservação e a da destruição são comunidades indígenas, tradicionais, camponesas, cujos territórios e florestas estão sendo ameaçadas por seus projetos cada vez maiores.

**Muitas comunidades têm travado lutas contrárias a esses projetos.** Na Índia, por exemplo, milhares de pessoas resistem à expulsão de seus territórios centenários e até milenares, inseridos dentro do que são hoje consideradas as reservas de tigres. Essas lutas contribuíram para fortalecer uma visão oposta: de que **a melhor forma de conservar as florestas é garantir que as comunidades que nelas vivem e que delas cuidam possam exercer controle sobre elas e sobre seu modo de vida.** As lutas resultaram, de diferentes formas, em conquistas de seus territórios, onde as florestas estão. Mesmo assim, as ameaças continuam e a luta por justiça social e ambiental é permanente. Somamo-nos a ela, hoje e sempre.

- (1) <https://wrm.org.uy/books-and-briefings/salvaging-nature-indigenous-peoples-protected-areas-and-biodiversity-conservation/>
- (2) <https://wrm.org.uy/books-and-briefings/redd-a-collection-of-conflicts-contradictions-and-lies/>
- (3) <https://redd-monitor.org/2017/11/01/wwfs-redd-project-in-mai-ndombe-democratic-republic-of-congo-no-consultation-no-transparency-and-communities-paid-less-than-drcs-minimum-wage/>
- (4) <https://wrm.org.uy/pt/artigos-do-boletim-do-wrm/secao1/algumas-das-principais-iniciativas-para-expandir-os-monocultivos-de-arvores-na-america-latina-na-africa-e-na-asia/>
- (5) <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/2017-060.pdf>
- (6) [http://www.forestlivelihoods.org/wp-content/uploads/2016/12/Harrison\\_Rhett\\_P.pdf](http://www.forestlivelihoods.org/wp-content/uploads/2016/12/Harrison_Rhett_P.pdf) , e uma visita de campo em março de 2018 a comunidade de Kubu
- (7) <https://wrm.org.uy/pt/artigos-do-boletim-do-wrm/secao2/o-projeto-da-rio-tinto-para-a-compensacao-da-biodiversidade-em-madagascar-impoe-severas-restricoes-as-comunidades-locais/>
- (8) <http://www.biofund.org.mz/en/about-us/foundation-bodies/>
- (9) <https://wrm.org.uy/pt/artigos-do-boletim-do-wrm/secao1/banco-mundial-abre-caminho-para-uma-estrategia-nacional-de-compensacao-de-biodiversidade-na-liberia/>

---

(10) <https://www.theguardian.com/environment/2017/jan/05/oecd-to-examine-complaint-against-wwf-over-human-rights-abuses-in-cameroon>